
SINGULARIDADES DE UMA NARRATIVA REALISTA

Cid Seixas

O Romantismo foi um dos mais importantes movimentos artísticos e sociais vividos pelo mundo ocidental; além de ter sido o momento de afirmação maior da classe burguesa com seus antigos vilões alçados à condição de cidadãos de grandes e pequenos centros metropolitanos.

Se a integração dos povos, propiciada pelo século XVI, instaurou

o mundo moderno; a mesma modernidade, tal como é hoje compreendida, foi uma construção burguesa com seus toques e retoques românticos. As relações socioeconômicas das múltiplas classes burguesas fundaram a ética contemporânea, submersa em subterfúgios, desvãos e desvios.

Assim, no caso da literatura e das artes, os choques de gerações constituíram o Romantismo e o Realismo em Portugal com suas proximidades e diferenças. São os escritores românticos, a exemplo de Camilo Castelo Branco, que iniciam as mais importantes concepções realistas, preparando o ambiente cultural para a predominância de um novo cenário artístico.

Se em 1865 o conservadorismo de uns estimulou a ruptura de ou-

tros, dando início à chamada Questão Coimbrã, quando o jovem estudante Antero de Quental dirigiu as primeira farpas da sua geração aos valores mais gratos e arraigados da sociedade. Essa nova geração de acadêmicos da Universida-



de de Coimbra iria promover, em 1871, as Conferências do Cassino Lisbonense, na capital do país, como segunda etapa de um mesmo clamor de descontentamento das novas gerações portuguesas.

Nos dois acontecimentos está presente uma nova perspectiva que reclamou para si mesma o rótulo de realista. Em 1873, Eça de Queirós escreveu “Singularidades de uma rapariga loira”, considerado o primeiro conto realista da Língua Portuguesa, instaurando uma visão que caracterizaria, de um lado, *O Crime do Padre Amaro* e *O Primo Basílio*, de 1975 e 1976; e, do outro lado, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis – iniciador do Realismo no Brasil.

O leitor poderá identificar neste conto aqui publicado, constituin-

do um e-book monotemático, os traços que viriam a se tornar uma linha mestra em toda narrativa de Eça de Queirós, onde a concepção da trama, com suas situações e personagens, está a serviço de uma ideia ou de uma *tese* que insiste em se afirmar.

Não nos esqueçamos que a geração de Eça de Queirós incorporou não somente o evolucionismo de Darwin, o positivismo de Comte, o determinismo social e histórico de Taine, como também respondeu e dialogou com o socialismo utópico de Proudhon e o Manifesto do Partido Comunista, de Marx e Engels, lançado em 1848, quando o escritor português tinha apenas a idade de três anos.

Eça nasceu e viveu em um momento novo da cultura romântica,



marcado pelo mais sólido compromisso com a realidade física, psicológica e social. O pensamento ou a filosofia positivista, que emprestou uma visão de mundo antitética aos primeiros momentos românticos, tomava como ponto de partida do seu enfoque da realidade as

mais avançadas descobertas e concepções científicas.

A mesma burguesia culta, que se deliciava com as oníricas instituições de uma sociedade construída por tudo aquilo que o dinheiro poderia comprar, começava a sentir a insegurança das bases sobre as quais se sustentava. O mesmo pensamento romântico que levou ao subjetivismo exacerbado, e ao delirante idealismo de egos inflados pela acumulação de posses, propiciou uma perspectiva crítica e cautelosa em busca de uma apreensão mais precisa da realidade.

O realismo dá conta do instante em que o homem burguês se inquieta com as contradições da sua classe.

Assim, a mesma despreocupada burguesia letrada da Europa que

tributava aplausos à arte romântica vislumbrava a conveniência das análises psicológicas e sociológicas que instilavam desconfiança e ironia aos seus próprios valores. Por isso mesmo, os grandes escritores românticos traçaram vastos perfis da sociedade, constituindo os marcos fundadores do realismo artístico.

Romantismo e realismo nas letras portuguesas, a exemplo das culturas emissoras da Europa, são verso e reverso de uma mesma moeda cunhada pela burguesia. Não por acaso, alguns estudiosos do país tratam as duas perspectivas como “os romantismos” em Portugal.

Se feérica luz romântica ilumina os banquetes e os indigestos acepipes, degustados por damas e cavalheiros bem postos, o desconcer-

tante foco do refletor realista penetra nos fechados recintos onde, no dia seguinte, os mesmos personagens purgam os fatídicos excrementos da festa.

www.linguagens.ufba.br/2021/singularidades-narrativa.pdf

SINGULARIDADES DE UMA NARRATIVA REALISTA. Apresentação do livro de Eça de Queirós *Singularidades de uma Rapariga Loira*. Seleção, organização e notas: Cid Seixas. Copenhagen, E-Book.Br / Issuu, 2017, p. 9-13. <<https://issuu.com/e-book.br/docs/singularidades>>